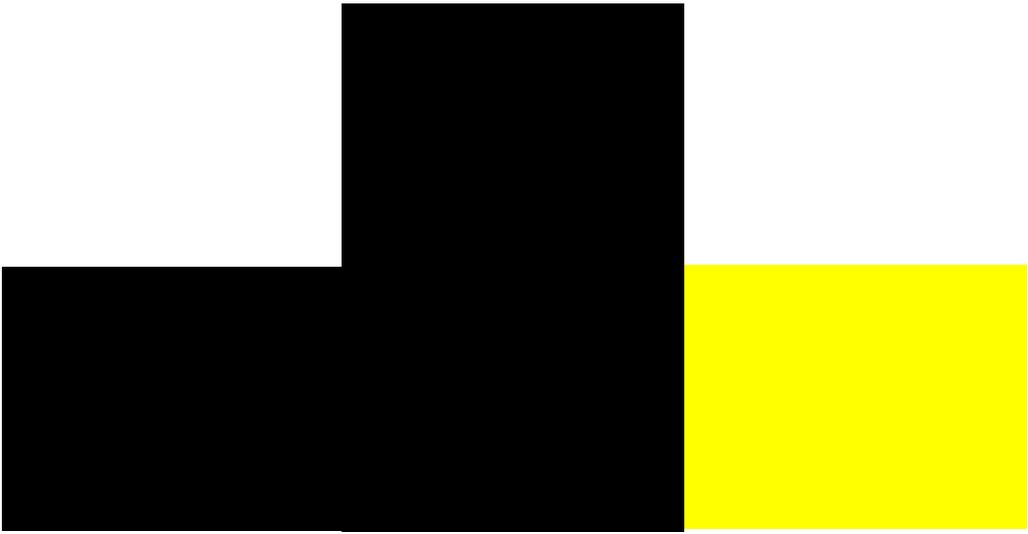


Do 'povo que falta' aos agrupamentos majoritários

Yves Citton

*Professor de Literatura e Mídia na Université Paris 8
Vincennes-Saint Denis.*



Méritos e limitações do "povo que falta"

Deveríamos fazer um levantamento nas colunas da revista *Multitudes* das referências à noção de "povo que falta", proposta por Gilles Deleuze nos anos 1980. Isso nos levaria a reflexões preciosas e esclarecedoras. Primeiro, porque nos afastariam de uma idealização do povo tal como ele é ou como é invocado por alguns discursos (patrióticos, dogmáticos) quase sempre repugnantes. Em segundo lugar, porque elas nos sensibilizaram para as forças transformadoras que emanam das minorias. Portanto, não seria o caso, aqui, de "renegar" a expressão.

Neste dossiê, que revisita questões políticas por um prisma estético, é importante lembrar que é através de referências a artistas (Franz Kafka, Paul Klee, Jean-Marie Straub e Danielle Huillet) que Deleuze ilustra o movimento de "não se dirigir a um povo supostamente já existente, mas contribuir para a invenção de um povo", e isso "colocando [personagens reais e não fictícios] em estado de 'ficcionar', 'legendar', 'fabular'".¹ Sem necessariamente concordar com a conclusão de Peter Hallward, que fazia do pensamento deleuziano uma filosofia da criação sem aderência às realidades políticas,² podemos, contudo, questionar alguns efeitos perversos das invocações feitas nas últimas décadas a povos a quem nos acostumamos a considerar como destinados a faltar.

Primeiro efeito perverso: uma vez que um povo falta, não há necessidade de sair de casa para ir encontrá-lo. Contentamo-nos em ficcioná-lo (em tempos futuros) ou fabular sobre ele (em modo virtual). Segundo efeito perverso: o trabalho de "invenção" prevalece sobre o trabalho de organização. A vantagem da invenção é que ela pode ser praticada confortavelmente de dentro do escritório, no seu ritmo – sem precisar acordar cedo no domingo de manhã para distribuir panfletos no mercado ou levar comida aos grevistas. Terceiro efeito perverso: ao louvar as minorias e o devir-minoria, esquece-se que são as

¹ Gilles Deleuze, *Cinéma 2. L'image-temps*, Paris, Minuit, 1985, p. 283. Tradução livre.

² Peter Hallward, *Out of This World: Deleuze and the Philosophy of Creation*, New York, Verso, 2006.

maiorias que escolhem os governantes capazes de submeter o aparelho legislativo (policial e militar) aos interesses dos mais privilegiados.

Talvez seja hora de complementar as referências ao "povo que falta" com uma escuta mais atenta e uma preocupação mais urgente com "as pessoas que habitam" – inspirando-nos na capacidade que a língua inglesa tem em fazer de *people* (pessoas) a outra face de *the people* (o povo)."

A *community organizing* das pessoas que habitam

É isso o que o último livro de Fatima Ouassak faz de forma exemplar³. Movida por sua experiência como ativista e organizadora na Frente de Mães e no Verdragon (primeira Casa da Ecologia Popular na França), a autora começa destacando, junto com muitos outros analistas, até que ponto o que ela designa como "ecologia suburbana"⁴ conseguiu se afastar dos habitantes dos bairros populares.⁵ Sua proposta de ecologia pirata é profundamente preocupada com a biodiversidade, o respeito aos não humanos, a preservação das terras e a habitabilidade da Terra. Mas ela articula essa agenda ecologista às práticas e necessidades de habitação fortemente ancoradas nas aspirações diárias de um povo (no sentido de um grupo de "pessoas"), que de modo algum "falta": as mães e crianças dos bairros populares.

Ela caracteriza esses bairros como "uma sub-terra para os Sem-terra", ecoando os "subcomuns" de Stefano Harney e Fred Moten.⁶ Para ela, eles são um caldeirão de aspirações comuns que ultrapassam em muito o perímetro circunscrito pelos urbanistas: liberdade de circulação na superfície da Terra, luta contra as discriminações, dominações

³ Fatima Ouassak, *Pour une écologie pirate*, Paris, Le Découverte, 2024.

⁴ Nota da tradutora: Do original, "écologie pavillonnaire".

⁵ Sobre a dissociação entre lutas ecologistas e lutas decoloniais, ver Malcolm Ferdinand, *Une écologie décoloniale. Penser l'écologie depuis le monde caribéen*, Paris, Seuil, 2019.

⁶ Stefano Harney & Fred Moten, *Les sous-communs. Planification fugitive et étude noire*, Paris Brook, 2021.

e violências herdadas da colonização, emancipação do trabalho, resistência à ideologia securitária, luta contra a influência da indústria agroalimentar. Fortemente conectada com o Sul (Mediterrâneo, África), a ecologia pirata é, ao mesmo tempo, ancorada em territórios e lutas que poderíamos qualificar de "minoritários" (vegetarianismo, combate à islamofobia) e orientada para uma aliança das resistências e das solidariedades de vocação universal.

A ecologia pirata clama por uma "revolta" ou uma "revolução"? Nem uma coisa nem outra. Insurreições e motins pouco melhoram a habitabilidade dos bairros populares. Nesses locais, os teóricos das revoluções marxistas têm poucos adeptos. E aqueles que pregam o terror tampouco fazem sucesso na Frente de Mães. Em última análise, a perspectiva do livro de Fatima Ouassak é a de uma "secessão". No cenário cada vez mais provável de uma tomada de poder pelos segmentos mais extremistas da direita "patriótica", os habitantes dos bairros populares seriam os mais expostos à violência da caça aos imigrantes, da segregação e da deportação – não lhes restando outra opção senão, sob a ameaça daqueles que os acusam de separatistas, proceder à secessão.

Mas por trás desse pior dos cenários – que a ecologia pirata tem ao menos a lucidez de abordar concretamente, enquanto uma vitória do Rassemblement National⁷ é em geral vista apenas como uma calamidade abstrata –, as palavras e atos de Fatima Ouassak mostram um trabalho constituinte realizado pelo grupo. Um trabalho de organização pacientemente construído a partir da realidade das pessoas que habitam. A Frente de Mães surgiu em torno de uma demanda a priori modesta e moderada: fornecer uma opção vegetariana nas escolas. Mães preocupadas com a saúde de seus filhos ousaram se opor ao doutrinamento patriótico do consumo de linguiça, questionando o caráter "lícito" (em árabe, *halal*) da carne agroindustrial. Por conta disso, foram acusadas (inclusive por vezes "de esquerda" e por ecologistas republicanos) de montar uma quinta coluna islamista. Ao

⁷ Nota da tradutora: Partido francês de direita.

ousarem se apresentar como muçulmanas, sua Casa da Ecologia Popular foi alvo das piores campanhas de difamação.

Mas elas se mantiveram firmes, graças a um trabalho de solidariedade e organização que retoma a tradição da *community organizing* de Saul Alinsky⁸: um trabalho de campo com as pessoas que habitam em vez da idealização de um povo que falta. A partir da dinâmica instituinte mobilizada em torno da casa Verdragon de Bagnolet, a ecologia pirata visa constituir uma aliança de resistências em que as perspectivas feminista, ecologista, pós-capitalista, pós-racista e pós-ocidental⁹ possam não só conviver pacificamente, mas também se fortalecer mutuamente.

A (nova) luta das (geo)classes

O desafio desse processo constituinte se torna central no contexto europeu atual, em que chegam ao governo representantes de agendas racistas e neocoloniais promovidas por direitas cada vez mais extremistas. Por trás da questão-chave do livro de Fatima Ouassak – "como ampliar a frente ecologista?" –, surge outra questão não menos urgente: como desarmar local e globalmente as múltiplas estratégias das geoclasses mais privilegiadas, que (loucamente) imaginam poder preservar seu conforto ecocida confinando os pobres em zonas sacrificadas, separadas da nata da sociedade (branca e ocidental) por muros intransponíveis?

Devido à fragilidade das organizações internacionais, bloqueadas por dentro pelos interesses ocidentais, não há um processo democrático em escala planetária. Por isso, "os pobres" (do Sul, interno e externo) não conseguem transformar sua maioria estatística em maioria política. É, portanto, dentro dos Estados-nação e de suas federações emergentes

⁸ Saul Alinsky, *Entretien. Organisation communautaire et radicalité*, Rennes, Éditions du commun, 2018.

⁹Sobre essas questões, ver também Léonora Miano, *Afropea. Utopie post-occidentale et post-raciste*, Paris, Grasset, 2020.

(como a UE) que a (nova) luta das geoclasses deve ser travada. Se tal luta não pode se contentar com insurreições (tomando a forma de motins pontuais, ocupações temporárias ou zonas a defender), também não se reconhece como revolução, já que não há na escala mundial um Palácio de Inverno cuja tomada à força derrubaria as relações de poder.¹⁰

Se não quiser se afundar na guerra civil ou no caos das gangues, e para constituir uma maioria política com base numa estratégia de coligações, a luta das geoclasses (em lugar de "etnoclasses", insuficientemente pós-racista) deve partir das "pessoas que habitam", tal como elas são – com sua diversidade, seus problemas, suas aspirações, sua força e suas fraquezas. Pensar em alianças aparentemente improváveis, reunindo não apenas pessoas que não concordam (de forma alguma) entre si em certos pontos importantes, mas também agentes humanos e forças não humanas (animais, plantas, cursos d'água): esta questão está no cerne de vários trabalhos recentes cujas propostas¹¹ as forças progressistas deveriam estudar.

O trabalho fabulador de inventar um povo que falta não deve ser guardado na prateleira das palavras de ordem obsoletas nem descartado como uma falsa boa ideia. Abrir caminhos com ficções que cheguem ao grande público continua mais necessário do que nunca para a criação de "outro tipo de ser humano", como almejado pela filósofa jamaicana Silvia Wynter como alternativa à atual dominação do *homo œconomicus* em nossos imaginários. Mas, como ela especifica, "ser humano" não se refere a uma essência (a ser descrita ou definida) mas a uma *praxis* (certos modos de fazer, falar e pensar)¹².

¹⁰ Nota da tradutora: A referência ao "Palácio de Inverno" é uma alusão à Revolução Russa de 1917, onde a tomada do Palácio de Inverno em Petrogrado (São Petersburgo) foi um momento decisivo.

¹¹ Léna Balaud & Antoine Chopot, *Nous ne sommes pas seuls. Politiques des soulèvements terrestres*, Paris, Seuil, 2021; Rodrigo Nunes, *Neither Vertical nor Horizontal. A Theory of Political Organisation*, London, Verso, 2021; Martin Crowley, *Accidental Agents. Ecological Politics Beyond the Human*, New York, Columbia University Press, 2022.

¹² Sylvia Wynter, *Sylvia Wynter: On Being Human as Praxis*, éd. par Katherine McKittrick, Durham, Duke University Press, 2014.

Além dessa abertura imaginária, a ambição de um movimento que reúna bairros populares e suburbanos em torno de interesses ecológicos e econômicos comuns requer um trabalho de tessitura de solidariedades no campo – um trabalho que os partidos comunistas de outrora e os movimentos islamistas de hoje colocaram no centro de suas estratégias, mas que os inventores de povos que faltam muitas vezes (não sempre!) negligenciaram. Tanto quanto as pequenas e as grandes narrativas, os Verdragon abrirão caminho para novos reagrupamentos nas lutas de geoclasses. O nome da casa de Bagnolet¹³ e a presença de um "conto de ecologia pirata" no final do livro de Fatima Ouassak bastam para sugerir que não há incompatibilidade entre realismo de campo e imaginação fabuladora.

O horizonte estético dos agrupamentos majoritários

Conforme a intuição de Deleuze e contra todas as abordagens que proclamam uma incompatibilidade entre o artístico (elitista) e o social (popular), os parâmetros estéticos devem ser colocados no coração dos problemas políticos da luta das geoclasses. Não tanto uma estética do belo, mas uma *aisthesis das maneiras* de fazer e falar: ser sensível à sensibilidade. A Frente de Mães provou que sabe lutar (e vencer), mas sempre colocando o *care* (cuidado, atenção, solicitude) no coração de suas mobilizações, tanto ou mais do que a relação de força.

O povo que falta é, por definição, difícil de inventar, e ainda mais de encontrar. As "pessoas que habitam", por outro lado, não estão apenas "bem aí": elas estão *aqui*. Porque não são "pessoas", mas *nós*. Onde habitamos e como habitamos? Partindo dessas questões, percebe-se que o cuidado com o aqui e uma certa solicitude com o vizinho são tão endêmicos quanto a desconfiança e a rivalidade com "o outro". Se a práxis do ser humano induzida pelo *homo oeconomicus* na era do capitalismo de plataforma tende a nos

¹³ Nota da tradutora: O nome Verdragon sugere a fusão entre "vert" (verde) e "dragon" (dragão).

isolar uns dos outros, exacerbando a competição em relação ao emprego e à fama, as práxis de ser humano endêmicas nos subcomuns, por sua vez, tendem a cultivar um cuidado com o aqui e com o próximo (mesmo que, para isso, por vezes o preço seja a rivalidade entre bandos).

Ao se preocupar com uma alimentação saudável na escola do bairro e não compactuar com os maltratos a animais, a Frente de Mães ilustra essa sensibilidade à sensibilidade, motivada por um desejo vital do respeito e à dignidade.¹⁴ Essa *aisthesis* das maneiras carrega em si outras formas de fazer política, outras formas de falar de política, outras formas de lutar: ela convoca em especial a evitar e prevenir certos conflitos (viscerais e desagregadores) para, em ve disso, se agrupar melhor e mais amplamente em torno de outros conflitos (prioritários e aglutinantes).

Expandir a frente ecológica para enfraquecer e desarmar o sistema colonial-capitalista: nosso momento histórico será decidido pela capacidade de reunir, em torno de compromissos de vocação maioritária, a ecologia pirata dos bairros populares e as boas intenções da ecologia suburbana na inteligência coletiva das resistências endêmicas contra os danos sociais e ambientais causados pelo capitalismo financeiro. Essa abordagem nos situa para além de qualquer oposição entre revolta e revolução. A ecologia interna de tal movimento se alimenta da diferenciação funcional entre as formas de ação das Revoltas da Terra¹⁵ de um lado e as conquistas legislativas obtidas no Parlamento Europeu de outro. E, no meio, uma margem de manobra estreita mas não desprezível que pode ser aproveitada por municípios conquistados por alianças como a Nupes (Nova União Popular Ecológica e Social)¹⁶.

¹⁴ Norman Ajari, *La dignité ou la mort. Éthique et politique de la race*, Paris, La Découverte, 2019.

¹⁵ Nota da tradutora: Do original, “Soulèvements de la Terre”, um coletivo que organiza manifestações de caráter ecológico.

¹⁶ Nota da tradutora: Nouvelle Union populaire écologique et sociale, uma aliança partidária de esquerda na França.

Se complementarmos os discursos sobre o "povo que falta" com uma atenção no campo às "pessoas que habitam", dirigindo-nos a elas como *nós* e não *elas*, e colocarmos a constituição de movimentos majoritários no centro dos objetivos políticos, já estaremos trabalhando concretamente para a coabitabilidade do planeta Terra, tão dramaticamente ameaçada pela ocidentalização do mundo. Esse trabalho associa intimamente uma dimensão política, de construção de maiorias, a uma dimensão estética, de invenção de novas maneiras de falar, ouvir e fazer (no duplo sentido de *praxis* e *poiesis*). Longe de rejeitá-las (na forma do *nem... nem...* citada acima), esse trabalho combina estreitamente ações pontuais de revolta e necessidades globais de revolução. Mas isso, desde que se defina esta última como um processo já em andamento, e não como um sonho futuro, seguindo o convite de Starhawk, que melhor conclui essa reflexão: "O que aconteceria se deixássemos de situar a revolução no futuro e aceitássemos que ela está aqui hoje? A revolução é o que somos, não o que nos tornaremos; é o que fazemos, não o que faremos um dia. É uma experimentação vivificadora que não cessamos de reinventar à medida que caminhamos, um processo vivo que ocorre agora".¹⁷

¹⁷ Starhawk, « Ce que nous voulons : économie et stratégie pour les temps de la fin » (2002) in *Quel monde voulons-nous ?*, Paris, Cambourakis, 2019, p. 183. Tradução livre.